

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de
Leitura e Produção de Textos

Camila Aparecida da Silva Marques

O desenvolvimento da linguagem oral pelas narrativas de si e pelo uso da ferramenta Podcast no ensino de LP na EJA

Belo Horizonte

2023

Camila Aparecida da Silva Marques

O desenvolvimento da linguagem oral pelas narrativas de si e pelo uso da ferramenta Podcast no ensino de LP na EJA

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais no Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA CAMILA APARECIDA DA SILVA MARQUES

Realizou-se, no dia 13 de outubro de 2023, às 08:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado O uso do podcast como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da habilidade da linguagem oral na Educação de Jovens e Adulto Semipresencial, apresentado por CAMILA APARECIDA DA SILVA MARQUES, número de registro 2020741452, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Heliabe Xavier Nogueira, Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de outubro de 2023.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Profa. Heliabe Xavier Nogueira (Mestra)

Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 19/10/2023, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Dias Gonçalves Paula, Usuário Externo**, em 21/10/2023, às 19:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heliabe Xavier Nogueira, Usuário Externo**, em 23/10/2023, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2710732** e o código CRC **12A6A33E**.

“A persistência é o caminho do êxito. ”

(Charles Chaplin)

Agradecimentos

Neste momento, a palavra que me define é gratidão por mais esta etapa concluída em minha vida. Antes, era apenas um sonho, hoje, realidade. Não foi tão fácil chegar aqui, muitos foram os obstáculos, alguns previsíveis, outros, surpreendentes... O fato é que vencemos... Isso mesmo, vencemos todos, portanto é momento de agradecer aos que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando comigo as dificuldades para concretizar cada objetivo desta minha trajetória... Algumas vezes, quis desanimar, mas foram eles que seguraram sempre nas minhas mãos e me fizeram acreditar que eu poderia conseguir. Primeiramente, agradeço ao meu Senhor, único e verdadeiro Deus, a quem devo todo meu existir, agradeço também à minha família, especialmente ao meu esposo, minha segurança diária, à minha filha, que é a razão de tudo que sou e sonho, à minha mãe, sinônimo de amor e fé inabalável, à minha querida amiga-irmã, Lyvia Mara, que sempre é meu abrigo seguro. Agradeço ainda à professora Leiva, que me acolheu, orientou-me e conduziu-me neste universo de tantas aprendizagens, aos meus alunos do Cesec Professora Zaíra Batista Teixeira, que compartilham comigo vivências e aprendizagens diárias e ao corpo docente do Curso de Especialização em Leitura e Produção de Textos da Universidade Federal de Minas Gerais, por todo conhecimento dispensado durante este curso.

RESUMO

O presente trabalho objetivo apresentar uma proposta de ensino com a linguagem oral, levando em conta o seu público-alvo, alunos da Educação de Jovens e de Adultos, buscando estabelecer uma relação entre oralidade e letramento. A proposta metodológica escolhida foi a elaboração de um Projeto de Ensino, através da utilização das narrativas autobiográficas para alunos da EJA de um Centro Estadual de Estadual de Educação Continuada, de uma cidade de interior no estado de Minas Gerais. A metodologia consistiu na apresentação da história de vida de cada um dos alunos, gravadas em podcast. Nosso apoio para a elaboração da proposta vem de duas vertentes: a legislação brasileira (LDB (9394/96) e bases teóricas da linguagem, a partir de Antunes (2009), Marcuschi (2010), Carvalho (2018), dentre outros. Em relação às narrativas autobiográficas, nos amparamos em Halbwachs (1990), Walter Benjamin (1987). Desse modo, foi possível elaborar atividades que dialogam com as teorias, em especial sobre memória. O suporte podcast, com suas características peculiares, incluindo a interação com outras mídias e velocidade das informações, facilitou o planejamento das atividades. O projeto de ensino contém 06 oficinas, cada uma com seus objetivos e tarefas, em diálogo com o professor. A experiência relatada confirma a necessidade de dar voz aos alunos, ouvindo suas histórias, suas memórias e seus desejos de vida, fazendo da sala de aula um espaço/tempo de troca, de compartilhamento e de aprendizagem.

Palavras-chave: EJA, memória, narração, linguagem oral.

ABSTRACT

The present work aims to present a teaching proposal with oral language, taking into account its target audience, Youth and Adult Education students, seeking to establish a relationship between orality and literacy. The methodological proposal chosen was the elaboration of a Teaching Project through the use of autobiographical narratives for EJA students at a State Center for Continuing Education, in an interior city in the state of Minas Gerais. The methodology consisted of presenting the life story of each of the students, recorded in a podcast. Our support for the preparation of the proposal comes from two aspects: Brazilian legislation (LDB (9394/96) and theoretical bases of language, based on Antunes (2009), Marcuschi (2010), Carvalho (2018), among others. In Regarding autobiographical narratives, we rely on Halbwachs (1990), Walter Benjamin (1987). In this way, it was possible to develop activities that dialogue with theories, especially about memory. Podcast support, with its peculiar characteristics, including interaction with other media and speed of information, facilitated planning of activities. The teaching project contains 6 workshops, each with its own objectives and tasks, in dialogue with the teacher. The reported experience confirms the need to give students a voice, listening to their stories, their memories and their desires in life, making the classroom a space/time for exchange, sharing and learning.

Keywords: EJA, memory, narration, oral language

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Justificativa.....	9
1.2. Objetivo geral.....	12
1.3. Objetivos específicos.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. A importância da Educação de Jovens e Adultos para o contexto educacional atual.....	13
2.2. Concepções de linguagem oral.....	14
2.2.1. Concepções que fundamentam o trabalho com a oralidade na Educação de Jovens e Adultos.....	14
2.2.2. Concepção de Linguagem oral na BNCC.....	15
3. Narrativas de vida como mediação didática-pedagógica para o desenvolvimento da linguagem oral em sujeitos EJA.....	18
4. METODOLOGIA.....	22
4.1. Tipo de pesquisa.....	22
4.2. A escola e os sujeitos da pesquisa.....	22
4.3. Podcast como ferramenta pedagógica para apoio no desenvolvimento da habilidade da narrativa oral de vida na Educação de Jovens e Adultos....	25
5. Proposta de um Projeto de Narrativas Orais de Vida na EJA.....	27
CONSIDERAÇÕES (nem sempre finais.....)	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

A professora, autora deste trabalho é docente do componente curricular de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio, há 15 anos, em um Centro Estadual de Educação Continuada – CESEC, de uma cidade do interior de Minas Gerais, que atende a sujeitos da Educação de Jovens e de Adultos. No decorrer da sua prática docente, tem observado que o fato de esses sujeitos não possuírem a conclusão da sua escolaridade ou o fato de terem poucos anos de frequência à escola, faz com que muitos dos estudantes, admitidos nessa modalidade de ensino, cheguem à instituição demonstrando muita timidez em dialogar e interagir pela oralidade. Afinal, estão num lugar de ensino, considerado lugar de saber e, eles/elas, ao contrário, estão vindo de lugares de não saberes, pelo menos na visão de uma sociedade letrada como a nossa.

É importante considerar, também, que o uso da oralidade é indispensável na vida social e na prática escolar. Sabemos que é por meio dela que se dá a maioria dos eventos comunicativos na escola, no trabalho e no cotidiano em geral. Entretanto, o ensino voltado para esta modalidade da língua, ou seja, para o uso da oralidade no sentido de o aluno perceber as formas de usos e adequá-las conforme a sua necessidade, ainda não ocorre de forma tão sistematizada como necessário. Isso demanda que, antes, esses sujeitos se sintam em lugar de pertença, que aprendam e desvelem seus direitos de falar, de ler e de escrever. Na Educação de jovens e adultos (EJA), os momentos de usos da fala ficam um pouco comprometidos, devido a essa ausência de compreensão de que toda fala é boa, de que toda voz merece ser respeitada, que melhorem a autoestima e, aos poucos, conseguirão se expressar com desenvoltura.

Vivemos o tempo da proliferação de várias linguagens, de vários gêneros discursivos e de vários suportes de comunicação e de mídias em geral. Pessoas desassistidas em seus letramentos escritos, hoje, convivem com gravação de áudio para se comunicarem e entendem que são capazes de usar a linguagem que tem, para se fazer entender, se fazer comunicar e agir nesse mundo. A partir dessas possibilidades e de outras que poderão ser exploradas, cabe à Educação de Jovens e Adultos um investimento maior nesse sentido.

Nessa esteira, esta monografia objetiva apresentar uma proposta de trabalho com a linguagem oral, para que o aluno possa desenvolver habilidades de

letramento oral. Buscando estabelecer uma relação entre oralidade e letramento, elaboramos uma sequência didática, através da utilização das narrativas autobiográficas para alunos da EJA de um Centro Estadual de Estadual de Educação Continuada, de uma cidade de interior no estado de Minas Gerais. O objetivo dessa proposta é propiciar ao aluno situações em que ele possa fazer o uso eficiente da linguagem oral, formal ou não formal, como prática de letramento através das narrativas autobiográficas, nas quais se permita o uso da linguagem oral, inicialmente, de maneira descontraída, objetivando, gradativamente, o alcance de desenvoltura em outras situações da comunicação oral futuras. Afinal, a escola não é lugar de silêncio, é lugar de fala, que pode ser manifestada por gestos, cores, sons, escrita, desenhos, dentre outras ricas possibilidades interativas. E, como educadora que convivo com esse grupo estigmatizado e sofrido, preciso saber usar esse espaço/tempo para contribuir com o crescimento e o desenvolvimento humano e intelectual desses sujeitos que nos ensinam com a vida o que é viver.

1.1. Justificativa

O Censo Escolar de 2022, do MEC, a respeito do total de alunos na EJA no Brasil indica que esse total caiu de 3.445.988, em 2018, para 2.774.428 em 2022. Além dessa diminuição, um outro fator preocupa a área: o perfil etário dos alunos muda conforme se avança na etapa da formação: fundamental é de 46 anos, fundamental II é de 25 anos e no Médio, 24 anos. Essa estatística aponta que há mais jovens que adultos na Educação de Jovens e Adultos, contando que o Brasil ainda tem hoje cerca de 11 milhões de maiores de 15 anos que não sabem ler nem escrever. (Ratier, 2023)

De alguma forma, são indícios de que os jovens não estão cumprindo sua escolaridade no momento certo, de que pessoas com mais idade estão abandonando os estudos e há um grande contingente fadado a não obter nenhuma escolaridade, se algo muito mais sério, articulado e bem conduzido seja feito no Brasil, desde o surgimento de novas políticas públicas, seja de formação de professores, seja de projetos junto às indústrias e demais setores de serviço que articulem estudo ao trabalho e, assim por diante.

Como professora, percebemos o quanto o desenvolvimento da habilidade da linguagem oral é necessário a todos os cidadãos, durante o período de sua

formação escolar, pois tal habilidade fará parte de muitas das situações comunicativas pelas quais esses indivíduos irão passar ao longo de sua vida, bem como para atender a alguns imperativos da modernidade. É através da comunicação verbal que estabelecemos conexões com outras pessoas e construímos relacionamentos saudáveis. Além disso, a capacidade de se expressar, de forma clara e convincente, é essencial para liderança, negociação e resolução de conflitos. Logo, se considerarmos que, na interação social prevalece um maior uso da linguagem oral, saber usá-la de forma adequada poderá ajudar o aluno a melhorar seu desempenho social e pessoal.

Nessa perspectiva, a habilidade oral é fundamental para a comunicação interpessoal, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Ela envolve a capacidade de expressar ideias de forma clara, coesa e coerente, além de ser uma competência essencial em diversas áreas de atuação. Muitos desses alunos, ao ingressarem na EJA, como já dito antes, encontram dificuldades em desenvolver habilidades importantes para o seu desenvolvimento acadêmico pessoal e profissional, como a habilidade oral. Para eles, a falta de prática e de contato com o idioma pode dificultar o desenvolvimento dessa competência discursiva. Optamos por usar competência, no sentido mais alargado do tema, que é saber agir em diferentes situações, utilizando determinadas habilidades.

Desse modo, o ensino da Língua Portuguesa, em todas as fases escolares, precisa privilegiar, sistematizadamente, atividades que possam estimular o desenvolvimento da habilidade oral, de modo que os estudantes possam estar preparados para utilização da língua materna, de forma eficiente, nos mais variados ambientes de monitoramento aos quais forem expostos. São muitos os saberes que envolvem a linguagem oral, para além das palavras ditas: há de se saber escutar, há de saber falar na hora certa, há que se ponderar, de conversar respeitosamente, de não interferir quando o outro usa a fala, dentre muitas outras habilidades. Não é sabendo a língua culta que esse aluno será melhor em suas interações o tempo todo. Ao contrário, deve saber adaptar sua fala às condições de onde fala. Assim sendo, o aluno de EJA necessita compreender e utilizar a linguagem formal para diferenciar os diferentes níveis de linguagem, adquirir melhores condições para ingressar no mercado de trabalho e, conseqüentemente, melhorar suas condições de trabalho.

Conseqüentemente, a Educação de Jovens e Adultos semipresencial precisa colaborar para o desenvolvimento da habilidade da linguagem oral, de modo sistematizado, com vistas à utilização dessa habilidade nos contextos sociais diversos, ratificando, assim, a necessidade de um trabalho que extrapole as situações comunicativas previstas no ambiente escolar, mas, sobretudo, que se projetem, nas metodologias utilizadas, situações comunicativas prototípicas da vida em sociedade.

Apesar de o ensino da Língua Portuguesa, com vistas ao desenvolvimento da habilidade oral dos estudantes, ser uma necessidade, na prática educativa escolar, há muito tempo, observa-se ainda no contexto atual, muitas falhas nesse processo. Nesse sentido, vale considerar o que nos apresenta Antunes, ao analisar o trabalho com o eixo oralidade em sala de aula, nas escolas brasileiras.

[...] uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula. Os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público” (Antunes, 2009, p. 25)

Partindo dessas reflexões, este trabalho visa ressaltar a importância de um ensino da Língua Portuguesa que contemple o desenvolvimento da habilidade oral dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos Semipresencial, bem como apontar as dificuldades que embargam essa prática, tornando-a um desafio para a escola contemporânea. Para a realização deste trabalho, após observação do contexto (escola) onde estão inseridos os sujeitos (alunos) alvos da pesquisa, concluiu-se que o desenvolvimento da habilidade oral nesse público é uma grande necessidade, visto que a formação desses cidadãos acontece de forma mais rápida, pois eles têm um percurso escolar mais reduzido em relação à educação regular e, ainda, esses estudantes são ou serão profissionais mais rapidamente absorvidos pelo mercado de trabalho, atuando de forma constante na sociedade na qual o desenvolvimento da habilidade oral é fator contributivo para êxito nas práticas sociais cotidianas.

Portanto, acreditamos que o trabalho de desenvolvimento da habilidade oral através das narrativas autobiográficas, utilizando o gênero textual podcast como ferramenta pedagógica, contribuirá para a melhoria da habilidade comunicativa dos

estudantes da EJA, visto que esses estudantes terão, a partir do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas orais, melhores condições de receberem outros letramentos. Para isso, elege os seguintes objetivos:

1.2. Objetivo geral

Investigar em que medida, narrativas autobiográficas, gravadas em podcast, como ferramenta pedagógica, podem contribuir para o desenvolvimento da habilidade oral em alunos da EJA.

1.3. Objetivos específicos

- 1- Promover situações de fala e de escuta num grupo de alunos e de alunas EJA;
- 2- Oferecer condições para que os alunos e as alunas EJA desenvolvam práticas de produção do gênero discursivo narrativo-autobiográfico;
- 3- Fortalecer a autoestima de estudantes da EJA através do desenvolvimento da linguagem oral;
- 4- Familiarizar os alunos no uso de ferramentas tecnológicas e digitais para registro de suas histórias;
- 5- Propiciar, através do desenvolvimento da habilidade da linguagem oral, a aquisição de outros letramentos necessários à vida pessoal e profissional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A importância da Educação de Jovens e Adultos para o contexto educacional atual.

No trabalho com a língua, em especial quanto ao desenvolvimento da habilidade oral, cabe à escola demonstrar aos alunos que é através da linguagem que há interação entre sujeitos sociais. No que se refere ao público da Educação de jovens e adultos (EJA), essa demonstração tem que se vincular à prática e função social enquanto ser ativo e que deseja melhorar suas condições de vida, principalmente no mercado de trabalho. Valorizando a oralidade em sala de aula, a escola estará contemplando todos os aspectos que compõem a linguagem humana de forma sistematizada, principalmente na EJA, que é uma modalidade que oferece a oportunidade de recuperação dos estudos, sobretudo, para o aluno trabalhador que volta à escola, após vários anos de afastamento, buscando melhoria em sua aprendizagem e em suas condições de trabalho. Logo, o ensino da linguagem, visto sob essa ótica, cumpre aquilo que determina a LDB (9394/96) em uns dos seus princípios básicos (XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais).

A educação de Jovens e Adultos (EJA) ganha destaque importante principalmente nos dias atuais, tendo como finalidade proporcionar o acesso à escola do público que, por algum motivo, foi excluído, permitindo assim, recuperar o tempo perdido no campo da educação formal e na preparação para exercer seus direitos e deveres como cidadãos. Nesse sentido, torna-se relevante analisar a visão da Educação de Jovens Adultos trazidas pelas legislações atuais em nosso país.

Cabe-nos citar a Constituição Federal, homologada em 1988, que, em seu texto, apresenta a educação como sendo “dever do Estado e da família”, garantindo esse acesso e a permanência daqueles que tiveram o acesso em idade própria. Em complementação ao texto constitucional, a LDB 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação, também conhecida como Lei Darcy Ribeiro, detalha, em seu artigo 37º, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiverem acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade

apropriada”. Diante dessa importância atribuída à Educação de Jovens e Adultos no contexto educacional brasileiro, torna-se importante considerar que essa educação visa ao desenvolvimento pleno da pessoa humana e, deste modo, precisa oferecer desenvolvimento nas áreas em constituem essa formação, em específico, a linguagem escrita e a linguagem oral, ambas muito importantes para o sucesso desses estudantes, tanto no processo de escolarização, quanto para além dele, no mercado de trabalho, por exemplo. Dessa forma, é importante entender as concepções teóricas importantes que embasam este trabalho no que tange ao desenvolvimento das habilidades relacionadas à oralidade, para os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

2.2. Concepções de linguagem oral

2.2.1. Concepções que fundamentam o trabalho com a oralidade na Educação de Jovens e Adultos

Para o professor e linguista brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi, a concepção de oralidade vai além da mera fala ou comunicação verbal, e inclui também outros elementos linguísticos e sociais que permeiam a interação verbal. Segundo o autor, a oralidade é um fenômeno complexo que envolve não apenas a produção de sons e palavras, mas, também, a interpretação e compreensão de significados, o uso de recursos não verbais, como gestos e expressões faciais, e o contexto social e cultural em que a interação ocorre. Sendo assim, “oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas práticas de sociedades diversas” (Marcuschi, 2010, p. 37.).

Para Marcuschi, a oralidade é um aspecto fundamental da comunicação humana, que desempenha um papel central na construção de relações sociais e na transmissão de conhecimentos e valores culturais. Ele argumenta que a oralidade é uma forma de interação que permite a criação de laços afetivos e a construção de identidades coletivas, além de ser um importante meio de expressão e representação das experiências e visões de mundo dos falantes. Logo, “[...] o texto oral apresenta, nos diversos gêneros, alto grau de coesividade e coerência, não podendo ser tido como desordenado ou fragmentário...” (Marcuschi, 2010, p. 124).

Nesse sentido, o trabalho com a oralidade na EJA deve levar em conta não apenas a correção gramatical ou a pronúncia correta, mas também os aspectos sociais e culturais que permeiam a interação verbal, tais como a valorização da diversidade linguística e cultural, a promoção da inclusão e da empatia e a criação de um ambiente acolhedor e respeitoso.

2.2.2. Concepção de Linguagem oral na BNCC

Segundo Carvalho (2018), não é novidade o ensino da oralidade se fazer presente na legislação educacional, pois nos PCNs (1997) já estava posto que é papel da escola: [...] “ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas especialmente nas mais formais .”. Com a criação de novos parâmetros (PCNs e BNCC), avanços quanto ao ensino da oralidade em sala de aula são consolidados, principalmente, nos fundamentos pedagógicos do ensino de língua portuguesa, passam a ter sua base no desenvolvimento de competências e em todas elas as diferentes linguagens são instrumentos importantes, quer para explicar a realidade, quer para exercitar a curiosidade intelectual, ou mesmo para [...] “expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2017, p. 13). Dessa forma, o princípio metodológico USO-REFLEXÃO-USO que precisa orientar toda a proposta curricular de língua portuguesa (Geraldi, 2015, p.385).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos ao longo da Educação Básica, incluindo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A BNCC é dividida em diferentes áreas do conhecimento, e em cada uma delas, é destacado o eixo oralidade como uma das habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos. Nesse sentido essa base tem:

[...] caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em com o que preceitua o Plano Nacional de Educação[...] (PNE) (BRASIL, 2017, p.146). Logo, a criação deste Documento teve o objetivo de contribuir para redução da desigualdade

de aprendizagem nos níveis de ensino e melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem da Educação Básica.

Na BNCC não encontramos relevantes mudanças significativas nas orientações sobre o ensino da oralidade, visto que neste Documento o eixo da oralidade continua sendo apresentado numa proposta de “reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana” (2018, p. 28), assim como nos PCNs. Assim sendo, de acordo com a BNCC, (BRASIL, 2018, p.479-480), a oralidade é entendida como a capacidade de expressão e comunicação por meio da fala, envolvendo a compreensão, produção e interpretação de diferentes gêneros orais em diversas situações de interação social. Dessa forma, o trabalho com o eixo oralidade deve estar presente em todas as áreas do conhecimento, sendo um componente fundamental para o desenvolvimento integral do aluno. Além disso, a BNCC destaca que o trabalho com a oralidade deve ser pautado em três concepções básicas: a linguagem como forma de ação, a linguagem como forma de interação e a linguagem como forma de reflexão.

A primeira concepção destaca a linguagem como uma forma de ação, ou seja, como um meio de agir no mundo, de realizar ações e transformações. Nessa perspectiva, o trabalho com a oralidade deve estar vinculado a situações concretas de uso da língua, em que os alunos sejam capazes de compreender e produzir discursos que tenham uma função social específica, como por exemplo, apresentar um projeto, expor uma ideia, relatar uma experiência, entre outros.

A segunda concepção destaca a linguagem como forma de interação, ou seja, como um meio de estabelecer relações sociais, de negociar significados e de construir sentidos em conjunto. Nesse sentido, o trabalho com a oralidade deve promover o desenvolvimento da capacidade de escuta e de fala dos alunos, bem como de habilidades de negociação e argumentação, permitindo que eles participem de diferentes interações sociais de forma efetiva.

Por fim, a terceira concepção destaca a linguagem como forma de reflexão, ou seja, como um meio de refletir sobre o mundo e sobre a própria linguagem. Nessa perspectiva, o trabalho com a oralidade deve permitir que os alunos desenvolvam a capacidade de refletir sobre a língua, analisando sua estrutura, funcionamento e diversidade, e de compreender a importância da linguagem para a construção do conhecimento e da identidade.

Dessa forma, o trabalho com o eixo oralidade na BNCC deve estar pautado em uma abordagem ampla e integrada, que permita aos alunos desenvolver as habilidades de compreensão, produção e interpretação de diferentes gêneros orais, em diferentes contextos sociais. Além disso, é importante que o trabalho com a oralidade esteja articulado com outras habilidades e competências previstas na BNCC, permitindo que os alunos possam desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre o mundo e sobre a própria linguagem.

Hoje, a concepção de oralidade encaminha para outros olhares:

Tinha-se, anteriormente, na concepção de oralidade e escrita como contrários, a ideia de que a primeira era usada apenas em contextos informais enquanto a outra para formais. Via-se a fala como desorganizada, variável, heterogênea e a escrita como lógica, racional, estável, homogênea; a fala seria não-planejada e a escrita, planejada e permanente; a fala seria o espaço do erro e a escrita, o da regra e da norma, enquanto a escrita serviria para comunicar à distância no tempo e no espaço; a fala somente aconteceria face a face; a escrita se inscreveria, a fala seria fugaz; a fala é expressão unicamente sonora; a escrita, unicamente gráfica (Rojo; Schneuwly, 2006,pág.06).

Ao trabalhar o desenvolvimento da habilidade oral nos alunos da EJA, é possível contribuir, como já dito, para a inclusão social e cidadania desses estudantes e para a inclusão no mercado de trabalho. Por fim, reforçando o que foi dito, trabalhar o desenvolvimento da habilidade oral na EJA também pode ter um impacto positivo na autoestima e autoconfiança dos estudantes, que podem se sentir mais seguros ao se comunicar em situações diversas. Isso pode levar a uma melhora geral no desempenho acadêmico e na qualidade de vida desses alunos.

Diante desses motivos, é fundamental que os professores da EJA priorizem o trabalho com a habilidade oral em suas práticas pedagógicas, visando contribuir para a formação integral dos estudantes e sua inserção social e profissional. Diante disso, o uso de ferramentas como o podcast pode ser uma alternativa interessante e eficaz para estimular e desenvolver essa habilidade de maneira lúdica e criativa. Torna-se necessário que os/as educadores/as se apoiem em estudos que sustentam o valor da oralidade como instrumento fundamental de afirmação e de luta das camadas populares. Trata-se, pois, de uma tarefa educativa hercúlea, já que a língua falada pelos grupos empobrecidos é, via de regra, estigmatizada e marcada pelo preconceito e pela indiferença.

3. Narrativas de vida como mediação didática-pedagógica para o desenvolvimento da linguagem oral em sujeitos EJA.

As narrativas autobiográficas orais têm um papel fundamental no desenvolvimento da habilidade oral em estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao contar suas histórias pessoais, os alunos são incentivados a se expressarem de maneira clara e objetiva, além de desenvolver habilidades de organização, sequenciamento e contextualização de informações. Além disso, as narrativas autobiográficas orais proporcionam uma oportunidade para que os alunos reflitam sobre suas próprias vidas e experiências, estimulando a autoconsciência e a autoestima. Ao compartilhar suas histórias pessoais com os colegas, os alunos também podem construir um senso de comunidade e solidariedade, o que é especialmente importante em turmas da EJA, onde os estudantes muitas vezes enfrentam desafios semelhantes. Essas narrativas também podem ajudar a desenvolver habilidades importantes para a vida profissional, como a capacidade de se comunicar de maneira clara e eficaz e a habilidade de apresentar ideias e projetos. Além disso, ao contar suas histórias pessoais, os alunos podem desenvolver a capacidade de estabelecer conexões entre suas experiências e conceitos teóricos aprendidos em sala de aula.

Outro ponto importante é que as narrativas autobiográficas orais são uma forma de valorizar a história e a cultura dos alunos da EJA que, muitas vezes são marginalizados e estigmatizados pela sociedade. Ao valorizar suas histórias pessoais, os alunos podem se sentir mais incluídos e reconhecidos, o que contribui para sua autoestima e bem-estar emocional.

Ao possibilitar que um aluno conte sua história, será dada a ele a oportunidade de reviver e, de certa forma, reconstruir as experiências de vida, dentro de um quadro de memórias “repleto de reflexões pessoais, de lembranças

familiares, e a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado” (Halbwachs, 1990, p. 73). Ademais, essas lembranças precisam ser compartilhadas com os outros para terem significado. Logo, torna-se necessário compreender que a memória individual é um processo ininterrupto de construção e está fundamentalmente associado à construção das memórias coletivas dos diversos grupos aos quais pertencemos. Isto porque “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (Halbwachs, 1990, p. 40).

Nesse sentido, a escolha do gênero narrativa autobiográfica se justifica mediante ao alcance promovido por esse texto para o público da EJA. A grande parte desses estudantes, como já mencionado, tem uma trajetória escolar interrompida por fortes questões pessoais. Muitas dessas questões estão ligadas a perdas e traumas não tratados e, por meio das narrativas, tem-se a possibilidade de sanar esses problemas e abrir novas possibilidades para futuros aprendizados. Isso porque “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e isso acontece porque jamais estamos sós e o ato individual de lembrar está enraizado nas instituições sociais” (Halbwachs, 1990, p. 51)

Na visão de Walter Benjamin, filósofo e crítico literário alemão do século XX, (1987) contar e ouvir histórias são atividades fundamentais para a compreensão da cultura e da sociedade em que vivemos. Benjamin defende que a tradição oral era uma forma importante de preservar a história e as experiências de uma comunidade e que a habilidade de contar histórias era fundamental para a transmissão dessas tradições de geração em geração. Para o autor, a habilidade de contar histórias se desenvolve a partir da prática e da experiência e que é fundamental para a construção da identidade e da memória de um povo. Para o filósofo, as histórias orais são mais autênticas e verdadeiras do que as histórias escritas, pois refletem as experiências e os valores de uma comunidade de maneira mais direta e imediata.

Ainda conforme pontua Benjamin (1987), o ato de contar e ouvir histórias é uma forma de estabelecer conexões entre as experiências individuais e coletivas e de compreender a complexidade da sociedade em que vivemos e que as histórias orais são uma forma de resistência contra a opressão e a dominação, pois permitem que as pessoas compartilhem suas experiências e construam uma visão crítica do mundo.

Para Halbwachs (1990), nossa memória alcança duas espécies de elementos: os acontecimentos que podemos evocar quando queremos e aqueles acontecimentos que, mesmo que queiramos, não conseguimos trazer à memória. Isto porque a memória subentende lembranças e esquecimentos, a partir do momento em que selecionamos o que deve ser lembrado e esquecido. Este é um expediente para compreender a experiência narrada e é uma forma “paradoxal”, de lidarmos com lembranças e esquecimentos

Assim sendo, partindo desse trabalho de reconstrução de si mesmo, a pessoa tende a delinear seu lugar social e suas relações com as outras pessoas, fazendo com que o labor da memória seja intrínseco à organização social da qual ele se sente pertencente. Ao fazer o resgate de sua memória, o indivíduo revela a influência que a sua família e a sua comunidade têm sobre seu entendimento sobre a vida e suas concepções, indicando que “o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida” (Pollak, 1989, p. 14).

Do mesmo modo, contar histórias de si mesmo é um fenômeno cultural e histórico e, por isso, é habitual que as pessoas falem de si mesmas, do seu cotidiano, de seus afazeres, de seus sentimentos e de sua relação com o outro. Bakhtin (1997) diz que “expressar a si mesmo significa fazer de si objeto para o outro e para si mesmo, (a ‘realidade da consciência’) ” (Bakhtin, 1997, p. 315). Em outras palavras, o narrador não faz um mero inventário de fatos, mas ele reconstrói e recria esses fatos, atribuindo-lhes sentidos, significados, emoções e sentimentos. Benjamin define a narrativa dizendo que: “Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (Benjamin, 1987, p. 204). Nesse sentido, podemos considerar que:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (Benjamin, 1987, p. 205).

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a importância de contar e ouvir histórias é ainda mais significativa, pois muitos alunos da EJA vêm de contextos

sociais e culturais diversos, e muitas vezes não têm acesso às histórias e tradições de suas comunidades. Ao promover a prática de contar e ouvir histórias, os professores da EJA podem ajudar os alunos a desenvolver a habilidade oral, a compreender as diferentes perspectivas e experiências de seus colegas e a construir uma visão crítica do mundo. Ao compartilhar suas histórias pessoais, os alunos podem se sentir mais valorizados e reconhecidos, o que é especialmente importante em contextos de exclusão e marginalização.

Vale destacar que a prática de contar e ouvir histórias deve ser conduzida de maneira cuidadosa e respeitosa, levando em conta as diferentes experiências e sensibilidades dos alunos. Os professores devem incentivar a participação de todos, sem impor julgamentos ou valores pré-concebidos e buscar formas de valorizar e preservar as tradições e histórias das diferentes comunidades presentes na sala de aula. Quando conduzido de maneira adequada, o trabalho com as histórias orais pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da habilidade oral e a promoção da inclusão e da valorização da diversidade na EJA.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, de cunho propositivo, como atividade de pensar o ensino e o desenvolvimento da linguagem oral de alunos e de alunas da EJA. É sabido que as narrativas orais têm sustentado vários estudos e várias pesquisas no Brasil, com produções variadas que se distanciam uma das outras pelos procedimentos metodológicos. O presente estudo incorpora a gravação das narrativas em podcast, ferramenta muito utilizada hoje nas mídias sociais em geral, mas, ainda, com outro diferencial, que é o de estimular relações dialógicas diferenciadas nas ações de falar e de ouvir.

Configura-se, enfim, como uma pesquisa descritiva, visto que a pesquisadora seguiu os passos desse tipo de pesquisa, que busca muito mais descrever as possibilidades de atuação que analisá-las. Também dizemos que esse estudo se aproxima da metodologia das histórias de vida, sendo que o que se preconiza são os sujeitos em busca de suas lembranças e do desejo de expressá-las ao outro, em situação de interação, bem como a de ouvir as histórias daqueles e daquelas com quem convive.

A pesquisa na abordagem narrativa já está consolidada nos estudos em Educação. Galvão (2005, p.329) esclarece que o termo “investigação narrativa” inclui várias perspectivas, “desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto”. Souza (2010) concorda que as histórias de vida têm sido utilizadas em diversas áreas das ciências humanas e da formação, em outra lógica de formação do adulto, por meio dos saberes tácitos ou experienciais, e

também pela revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como metareflexão do conhecimento de si.

4.2. A escola e os sujeitos da pesquisa.

A presente pesquisa teve, como horizonte de aplicação, o Centro Estadual de Educação Continuada- Cesec Prof.^a Zaíra Batista Teixeira, uma escola que, há 40 anos, oferta Ensino Fundamental II e Ensino Médio aos estudantes que, por algum motivo, não puderam ter a conclusão de seus estudos em idade adequada.

Atualmente, na modalidade semipresencial, esta instituição de ensino, devido à localização estratégica, contribui para a formação dos estudantes da cidade de Bom Despacho e, também, de muitas cidades da região que não dispõe dessa modalidade de ensino. O quantitativo de alunos oscila anualmente. Em 2023, a instituição acolhe a cerca 500 alunos, que frequentam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O estudo é organizado em módulos, compostos de plano de estudo, avaliado em 40 pontos e avaliação, com valor de 60,0. Desse total de 100 pontos distribuídos, é necessário o aproveitamento mínimo de 50% de cada parte avaliada. Cada componente curricular é dividido, didaticamente em 5, (ensino fundamental) ou 6 (ensino médio), módulos de estudo. Devido à modalidade semipresencial, o estudante tem a autonomia para elaborar seu percurso escolar, adaptando-o à sua rotina de vida.

Apesar dessa flexibilidade quanto à frequência, o estudante, para concluir seus estudos, precisa ter concluída uma carga- horária de 16 horas por componente curricular. Há, quando necessário, atendimento do público da Educação Especial, de modo inclusivo, com adaptações de conteúdos às necessidades e especificidades apresentadas por cada estudante. A conclusão de cada etapa da educação básica ocorre quando são finalizados, com a aprovação necessária e conclusão da carga horária exigida, cada componente curricular.

Como o próprio nome já indica, esta modalidade de ensino atende a jovens, adultos, por último, idosos, a partir de 15 anos, para o ensino fundamental e de 18 anos para alunos de ensino médio. Vale destacar que é uma clientela bastante eclética, tanto em faixa etária quanto em histórias de vida, principalmente em suas trajetórias escolares.

O corpo docente é composto majoritariamente por professores e servidores efetivos, sendo um professor para cada componente curricular. Sendo assim, o mesmo professor atende ensino fundamental e médio, do mesmo componente curricular.

A clientela atendida pelo Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC) Prof.^a Zaíra Batista Teixeira é bastante diversificada, tanto quanto à idade como também em relação às dificuldades encontradas nas trajetórias escolares, histórias de vida, atuação no mercado de trabalho, propostas profissionais, saúde emocional, entre outros.

Como anteriormente mencionado, esta instituição de ensino atende aos estudantes de Bom Despacho e cidades vizinhas que buscam a conclusão de seus estudos de maneira rápida e que se adéque às necessidades de suas rotinas de vida. Desse modo, é comum, a partir da triagem pela qual se passa cada aluno matriculado na instituição, verificar as demandas pessoais de cada um deles e, partindo disso, é traçado um plano de estudo individualizado no qual o aluno tem a autonomia para organizar seu percurso escolar, de forma que, por meio dele, possam ser alcançados seus objetivos futuros.

Uma demanda bastante evidente são os alunos encaminhados pelos órgãos de atenção à saúde mental. Nesse sentido, a escola também tem funcionado como ferramenta para melhora da autoestima e contribuído para melhora das enfermidades como depressão, entre outros transtornos psiquiátricos. Para além disso, nota-se que os alunos que frequentam a educação de jovens adultos também se preocupam com uma melhor qualificação e conseqüente melhora na atuação profissional no mercado de trabalho. Para a grande maioria dos alunos que frequentam ou concluíram a Educação Básica pela Educação de Jovens e Adultos, essa oportunidade é a única pela qual puderam ver seus sonhos pessoais e profissionais sendo concretizados e dessa forma eles continuam acreditando nas transformações decorrentes do acesso à educação pública de qualidade.

Devido a suas trajetórias escolares, muitos alunos da EJA semipresencial, quando retornam aos estudos, apresentam muitas dificuldades para se adequarem a uma rotina de estudos, com novos horários, estabelecer critérios de organização de suas tarefas e provas entre outras coisas. Além disso, a grande maioria apresenta defasagem e dificuldades em cálculos básicos e também nos processos de

alfabetização, letramentos e outras dificuldades no uso das linguagens escrita e oral nos contextos escolares solicitados.

De acordo com Oliveira:

Veem-se na história da EJA brasileira tantos avanços e retrocessos, num país que muitas vezes não dá continuidade aos programas para a EJA, aborta projetos em andamento, cria outros sem conclusão e não cria políticas públicas eficientes para erradicação do analfabetismo e da baixa escolaridade. O CESEC é a alternativa para quem quer retomar seus estudos. A Educação Continuada vista como uma oportunidade que oferece, constantemente, qualificação do indivíduo, que pode ocorrer no âmbito acadêmico, profissional ou pessoal, garante que em todas as áreas da vida sempre há algo a ser aprendido. Atualizar e melhorar a capacidade de uma pessoa ou de um grupo, frente às evoluções técnico-científicas e às necessidades sociais, sempre será uma ação positiva, tanto no CESEC quanto em qualquer instância que oportunize a educação continuada. (Oliveira, 2021, p.43)

Esses centros de ensino e de formação de adultos cumprem um papel essencial na história de vida dos desescolarizados no Brasil, sendo, talvez, a entrada em uma escola como essa sua única chance de alcançar seus direitos de cidadania.

4.3. Podcast como ferramenta pedagógica para apoio no desenvolvimento da habilidade da narrativa oral de vida na Educação de Jovens e Adultos

O termo *PODCASTING* foi anunciado em 2005, pelo Dicionário Americano New Oxford, como a palavra do ano (Walch & Lafferty, 2006). Tal termo deriva da junção das palavras pod (de iPod) e casting (referente a broadcasting, ou seja, à transmissão de informação de rádio e televisão). Dentre diferentes tecnologias digitais, o podcast é uma mídia que vem se popularizando e pode ganhar espaço na escola, conforme a própria BNCC aponta, não apenas em função de suas potencialidades pedagógicas através de práticas de oralidade, pela ferramenta em si, mas também com perspectiva pedagógica reflexiva sobre as TIDIC.

O podcast, conforme orienta BNCC (2018), é um dos instrumentos a serem utilizados para desenvolver a linguagem oral nas escolas e o aprendizado de forma mais clara e consolidada. É possível citar diversos benefícios que podem ser adquiridos a partir da utilização dos podcast nas instituições de ensino como o trabalho com a oralidade, como, por exemplo, compreende diferentes ritmos de aprendizagem; perpassa o contexto escolar; exercita a fala e a escuta; relaciona

práticas sociais e práticas escolares. Além disso, eles podem expandir seu vocabulário e aprender a expressar suas ideias de forma mais clara e objetiva, além de consolidar o conhecimento.

(...)“A tecnologia é um instrumento capaz de aumentar a motivação dos alunos, se a sua utilização estiver inserida num ambiente de aprendizagem desafiador. Não é por si só um elemento motivador. Se a proposta de trabalho não for interessante, os alunos rapidamente perdem a motivação”. (BRASIL,1998, p.157). A pessoa pode ouvir as gravações onde e quando quiser. Os podcast podem, ainda, ser desenvolvidos pelos próprios alunos, o que oferece muitas vantagens pedagógicas. Neste sentido é que Sousa e Bessa (2008, p.54) se referem às potencialidades deste recurso, pois se coloca o aluno na posição de produtor, “construindo e publicando ele os episódios de podcast fazendo, deste modo, concentrar os seus esforços na preparação das matérias de uma maneira mais ativa e mais estimulante”.

A tecnologia podcast veio para modificar a forma de ensinar e de como aprender na era da informação. Uma vez que, com essa ferramenta, cria-se dentro do ambiente educativo um modo especial em se aprender. Em função das potencialidades nele percebidas, o podcast vem sendo integrado como ferramenta de ensino-aprendizagem em diversas situações educativas (Edirisingha, Salmon & Fothergill, 2007; Lee & Chan, 2007).

Utilizado na área educacional, o podcast é entendido como elemento capaz de promover a aprendizagem e a autonomia. Segundo Carvalho et al. (2009, p.2), o podcast é o “renascimento do áudio para fins educativos”.

É importante ressaltar que o trabalho com as narrativas autobiográficas orais deve ser conduzido de maneira cuidadosa e respeitosa, garantindo que os alunos se sintam confortáveis e seguros ao compartilhar suas histórias pessoais. Os professores devem estar atentos a possíveis traumas e dificuldades dos alunos e buscar formas de apoiá-los e ajudá-los a lidar com suas experiências. Quando conduzido de maneira adequada, o trabalho com as narrativas autobiográficas orais pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da habilidade oral e a promoção da inclusão e da valorização da diversidade na EJA.

5. Proposta de um Projeto de Narrativas Orais de Vida na EJA.

*“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma **memória**.”*

José Saramago

Quadro 1 - Oficina 1

Oficina 1 – Iniciando a entrada no mundo da narração.
Objetivo: Levar aos alunos conhecimento a respeito do gênero discursivo memória.
<p>Atividade 1</p> <p>Olá, agora que estamos em uma roda de conversa, lerei dois trechos de duas pessoas que, como vocês, estavam cursando a Educação de Jovens e Adultos:</p> <p>[...]. Aos nove anos cuidava da casa enquanto minha mãe e meus irmãos iam trabalhar na roça. Eu ia buscar água longe e trazia a lata na cabeça para que todos nós usássemos em casa. Não podia trabalhar na roça, pois era muito doente. Aos treze anos fui para São Paulo trabalhar como empregada doméstica. (M. J. S.)</p>

[...]. Quando pequena morava numa fazenda, numa casinha de sapé, onde não tinha água encanada nem energia elétrica. Eu não tinha amigos e nem brinquedos para brincar. Minha mãe saía para trabalhar e eu ficava cuidando da casa. Comecei a estudar aos nove anos de idade. Estudei por quatro anos, aí tive que mudar de escola e, como era longe, parei de estudar. (L. C. R.)

[...]. Nasci em Amparo e hoje tenho setenta e um anos. Sou descendente de italianos e sempre morei em fazendas no meio das lavouras. Nunca estudei quando era criança. Sempre trabalhei. Desde os sete anos eu carpia muito café com meu pai. Nós plantávamos muito feijão e eu gostava de trabalhar na roça. Eu também trabalhei em olaria, a minha vida foi muito sofrida. (T. M. C.)

- ❖ Esses textos foram gravados em uma aula, quando a professora lhes pediu que narrassem algo que lembrasse a infância delas.

Conversa:

- Vocês conhecem narrativas assim?
- O que essas histórias mostram?
- Que sentimentos elas provocam em vocês?

*Esses depoimentos foram coletados em obra organizada pelas professoras Alessandra Rodrigues de Almeida e Eliete Aparecida de Godoy, de Escola EJA do Estado de São Paulo.

Atividade 2

Observe abaixo uma frase de uma das mais talentosas escritoras brasileiras, chamada Clarice Lispector:

“Saudades. Sinto saudade de tudo que marcou a minha vida. Quando vejo retratos, quando sinto cheiros, quando ouço uma voz, quando me lembro do passado, sinto saudades. ”

Conversa:

- E com vocês, também acontece assim? Vocês têm saudades?
- Quem deseja contar aqui um pouco de suas saudades?

Quadro 2- oficina 2

Oficina 2
Objetivo: Apresentar o dispositivo podcast e incentivar os alunos e as alunas a se empenharem na gravação de suas histórias de vida.
Atividade 2.1 Conversa: <p>Vocês conhecem muitas ferramentas tecnológicas e digitais que têm propiciado a gravação de vozes, de histórias, de narrativas e de fatos acontecidos em nossa vida.</p> <ul style="list-style-type: none">- Vocês gravam áudios nos celulares para seus contatos, não é? Seus contatos também gravam áudios que você ouve tranquilamente, quantas vezes você quiser.- Temos, hoje, o podcast, criado desde 2005 e é um instrumento poderoso e muito interessante. As gravações são feitas por uma ferramenta x e pode ser um programa de rádio, por exemplo, em momento criado pela emissora para isso. Mas, pode, também, circular nas redes sociais, em muitos espaços digitais. Não é difícil criar um conteúdo em formato podcast. Vamos aprender sobre como criar, planejar, gravar, editar, publicar o podcast.- Nossa sugestão é a de que as atividades que se seguem sejam gravadas em podcast e, ao final, vocês decidirão como agrupar os podcast, como organizá-los e onde publicá-los. Daqui para frente vocês são Narradores de suas histórias de vida e

produtores de mídia tecnológica-digital.

Atividade 2.2

Conversa:

Vamos, agora, tomar uma decisão importante. Gostaria de fazer uma consulta a vocês. Desejo trazer, para nosso próximo encontro, um podcast para vocês ouvirem, aqui na escola, mesmo, pelo computador. Qual tema interessaria a vocês?

- Entretenimento
- Notícias diárias
- Motivacional
- Negócios
- Programas de entrevistas
- Crime Verdadeiro

Quadro 3 - Oficina 3

Oficina 3

“Eu narro, tu escutas...tu narras eu escuto: a memória registrada em podcast como materialização da própria memória.”

Objetivo: Criar um momento para que as narrativas sejam ouvidas, em situação de uma escuta ativa, respeitando as pausas, as interrupções de quem narra e toda e qualquer manifestação discursiva.

***Professor, divida a turma em grupos e elabore um cronograma, indagando, antes, quem gostaria de narrar o que será proposto. Aliás, essa é a dinâmica de todos os momentos de narração. É preciso que as pessoas tenham desejo em narrar e que os demais tenham desejo em escutar.**

- **Atividade 3.1- Vamos ler juntos o texto de Caio Fernando Abreu, um grande escritor brasileiro:**

“Eu carrego comigo uma caixa mágica onde eu guardo meus tesouros mais

bonitos. Tudo aquilo que eu aprendi com a vida, tudo o que eu ganhei com o tempo e que vento nenhum leva. Guardo as memórias que me trazem riso, as pessoas que tocaram minha alma e que, de alguma forma, me mudaram pra melhor. Guardo também a infância toda tingida de giz. Tinha jeito de arco-íris a minha. ”

➤ Agora é com vocês!

Abram suas caixas mágicas e comecem a narrar memórias de sua vida: infância, lugares, experiências, relações familiares, juventude, ou, no dizer do escritor: tudo o que aprendeu com a vida.

Quadro 4 – Oficina 4

Oficina 4
<p>Objetivo: Oportunizar aos alunos e às alunas a experiência de elaborar perguntas e de realizar uma entrevista de memória de vida.</p>
<p>*Professor, combine com a turma uma rodada de entrevistas.</p> <p>“Eu pergunto...tu respondes...nós escutamos. ” A entrevista narrativa</p> <p>Dividir a turma em entrevistador e entrevistado. Depois, em nova rodada, trocam os papeis.</p> <p>Vamos lá: Reparem que já nos manifestamos sobre se conhecemos histórias de vidas como a das duas pessoas que conhecemos na primeira atividade, em seguida, nós respondemos se sentimos saudades de algo em nossa vida e, logo depois, nós abrimos nossas caixas mágicas e narramos sobre tudo o que é memória em nós.</p> <p>*Professor, organizar a turma de modo que cada um tenha o nome, antecipadamente, do colega que, após a narrativa, será entrevistado por ele.</p>

(João ouvirá com mais atenção a narrativa de Mariana, porque fará uma entrevista complementar com ela... Mariana prestará mais atenção na narrativa da Penha, para poder elaborar perguntas. Também fazer um cronograma da atividade.

Meus alunos e minhas alunas: Acontece que nossa memória nem sempre nos revela tudo. Deixa muita coisa no escondido. Com base na narrativa final da caixa mágica, elabore perguntas ao narrador da memória, sobre alguns fatos, acontecimentos, informações e outras riquezas que guardamos, mas que não foram ditas na narrativa.

Por exemplo:

Pode contar novamente o episódio tal?

Você tem mais lembrança de quais pessoas?

Que fatos em sua vida você considera que sempre vale a pena lembrar?

No registro do podcast deve ficar assim:

Entrevistado: _____

Entrevistador:

Espera-se, nesse momento, uma sinergia e uma interação que podem assegurar aos alunos e às alunas uma experiência a ser guardada para sempre.

Quadro 5 - Oficina 5

Oficina 5: As lembranças que guardei em mim
<p>Objetivo: Estimular os alunos e as alunas a refletirem sobre qual universo de cultura marcou a vida de cada um</p>
<p>Atividade</p> <p><i>Temos em nós nossas lembranças, nossas saudades, nossas recordações tristes e alegres, mas tudo isso organiza um mosaico lindo de nossa vida, porque é única e é nossa, irrepeticamente nossa. Nesse momento convidamos que vocês reflitam sobre o seguinte: em suas vidas, de quais brincadeiras participavam? Qual</i></p>

era sua preferida? Vocês puderam assistir a alguns filmes? Se sim, qual deixou marcas em sua vida? Alguém contava histórias para você? Quem? Essas histórias estão em sua memória? O que sentimentos elas te provocam? E livro? Você já leu livros? Tem lembrança de algum? Há algum livro que gostaria de ler, mas que não conseguiu lê-lo? E músicas...quem não guarda uma canção no peito? Que música te agrada lembrar? Cante um pedacinho dela para nós.

Professor, (a): registrar em podcast as respostas.

Em resumo:

-Gravação, produção e edição de 3 podcast

1- Minha caixinha mágica (**Eu narro...tu me escutas. Tu narras...eu te escuto**)

2- Entrevista narrativa. (**Eu pergunto... você responde. Você pergunta...eu respondo. Todos/as ouvimos**)

3- A memória da relação com a cultura. (**Eu me pergunto...eu respondo, todos ouvimos**)

Quadro 6 - Oficina 6

Oficina 6
<p>Objetivo: Reforçar a importância da presença dos alunos na escola, como reflexão importante, com vistas a um futuro que desejam e que merecem.</p>
<p>Aplicação:</p> <p>Atividade 6.1</p> <p>Agora, vamos assistir a um vídeo de 4m e alguns segundos. São depoimentos de alunos EJA, explicando motivo pelo qual voltaram a estudar, tendo interrompido os estudos quando jovens:</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=OwDyso2flvY</p> <p>Conversa:</p> <p>-Quem deseja contar para nós, por quais motivos voltou a estudar?</p>

- Quem autorizar, vamos gravar a narrativa de vocês e, depois, produzirmos um vídeo bem interessante sobre as razões que fizeram vocês voltarem à escola. Esse vídeo tem mais de três mil visualizações e foi feito em 2020. Imaginem o quanto o exemplo de vocês poderá ajudar pessoas que estejam em dúvida se desejam ou não concluir seus estudos.

***Professor: Para esse momento, na sala, a equipe de gravação de mídia da escola precisa estar presente. Ou, de outra forma, sondar se algum aluno gostaria de fazer algumas gravações em um celular.**

***Organizar a edição do vídeo.**

_Professor, a partir das decisões do grupo, busque hospedar os podcast em ambientes mais acessíveis aos alunos e às alunas. Evitar que sejam alocados em espaços digitais e ou tecnológicos muito sofisticados.

CONSIDERAÇÕES (nem sempre finais...)

Considerando que o gênero podcast apresenta características peculiares, incluindo a interação com outras mídias e velocidade das informações, seu uso torna-se uma grande possibilidade de trabalhar e de desenvolver a habilidade da linguagem oral, como apresentamos em nossa proposta. Não há dúvida de que a utilização dessa ferramenta na educação escolar possibilita e concretiza o exercício da comunicação e do diálogo.

Nosso esforço de trazer esse dispositivo para o centro das atividades de registro de memórias tem o sentido de incluir alunos e alunas pertencentes ao universo EJA uma maior interação com o mundo contemporâneo e um modo de levá-los/as a se entenderem protagonistas das histórias vividas e de muitas outras que poderão ser vividas no futuro bem próximo. Não há dúvida de que o uso dessa mídia na escola torna-se estratégia de ensino-aprendizagem, com o intuito de ampliar a capacidade intelectual, a formação para a cidadania e para o pertencimento social. Logo, as possibilidades educativas do Podcast são

significativas, uma vez que os professores podem estabelecer uma ligação entre o conteúdo formal e a expressão oral, incentivando e permitindo ao aluno o exercício dessa prática.

Assim sendo, A utilização desse recurso midiático contribui, igualmente, para que o docente assuma uma nova atitude: entenda-se portador de uma memória e, mais importante que tudo, alguém que está construindo novas memórias na vida daqueles que se encontram juntos em uma sala de aula.

Afinal, mudanças são necessárias e de fundamental importância para a ampliação do processo de ensino e aprendizagem, pois as tecnologias da informação e comunicação estão em contínuo crescimento. Uma escola que aprende e ensina com os novos dispositivos tecnológicos, capacita seus alunos e suas alunas para interagir na condução da sua aprendizagem, mediante seus saberes e suas necessidades.

Reconhecemos, todavia, que a simples inserção tecnológica em contextos educacionais não implica diretamente em transformações nas práticas de ensino e de aprendizagem. Contudo, a busca por um ensino de qualidade é inesgotável, deve-se considerar os ganhos obtidos a partir do trabalho com as ferramentas tecnológicas associadas ao fazer pedagógico, extrapolando as paredes da escola, ampliando as oportunidades de aprendizado, gerando novas expectativas a cada conteúdo trabalhado. Por fim, ainda há muito que se estudar sobre a proposta metodológica de ensino podcast como registro e circulação de memórias de vida, visto que inesgotáveis são os recursos digitais e tecnológicos, como os provocados hoje pela Inteligência Artificial, assim como é inesgotável a própria memória.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). (Auto)biografia e formação humana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 191-216.

ANTUNES, I. (2003). **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, p.1-23, 2000.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de

Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014b. Seção 1, p. 1, Ed. Extra.Pne

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARVALHO, R. S.; FERRAREZI Jr., C. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.

FÁVERO, L. L. Coesão e Coerência Textuais. São Paulo: Editora Ática, 2006.
Galvão, C. **Narrativas em educação. Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. *Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, nº 17, p. 381-396, jul/dez. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2a ed. São Paulo: Centauro, 2013.

ROJO, R.; Schneuwly, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. 3. ed. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. 31 p. v. 6.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan. /abr. 2006

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2023/02/14/educacao-de-jovens-e-adultos-tem-mais-jovens-que-adultos-e-isso-e-ruim.htm>